

1962

# POLI - CAMPUS

Órgão Oficial do Grêmio Politécnico



Ao longe a Reitoria

## GRÊMIO POLITÉCNICO

presidente: clovis de barros carvalho  
vice-presidente: david casimiro moreira

## POLI-CAMPUS

(Órgão Oficial do G.P.)

direção geral: paulo de tarso carvalhaes  
coordenação e howard chui  
redação: José jakubovic

## EQUIPE POLI-CAMPUS

cadernos:	alfredo	1º ano
	laércio	1º ano
ensino:	alfredo	1º ano
	alcino	1º ano
	bezerra	1º ano
	carlos alberto	1º ano
	haddad	1º ano
	ivo	1º ano
	salvador	1º ano
	toninho	1º ano
paulo	1º ano	
mural:	roberto	1º ano
	alcino	1º ano
	bezerra	1º ano
	oscar	1º ano
depro:	marcos	1º ano
	watanabe	1º ano
	paulo cesar	1º ano
cronistas:	emílio	2º ano
	manoel carlos	3º ano
	robilota	2º ano
	sabino	2º ano
	venili	1º ano
fotografia:	adilson	2º ano
	betão	2º ano
	braga	3º ano
	loui	5º ano

Parece-nos oportuno revermos alguns conceitos que devem marcar o problema da Universidade.

Ela é, sem dúvida, uma instituição social e, como tal, condicionada às deformidades da sociedade: datada e localizada. Aí atua, exerce sua função, através das atividades de ensino e pesquisa. Desempenha um papel cultural no mais alto nível: transmite, acumula, cria. Trata-se de um processo onde o homem é centralmente o sujeito, porque consciente e livre (pelo menos ao nível da potencialidade).

É claro, pois, que há tarefas específicas para nossa Universidade, inserida que está neste contexto de América Latina e Brasil, assinalado pela luta de sustentação no poder das classes dominantes - sob a hegemonia de forças imperialistas.

Fica, porém, o essencial; que a Universidade, para poder cumprir sua função, necessita de um clima de liberdade e responsabilidade. E não são condições puramente atmosféricas: são condições estruturais, reflexo da mentalidade, do respeito real do humano, por cuja manutenção são responsáveis todos os membros da Universidade e, em especial, os seus dirigentes.

Em outras publicações do Grêmio, procuramos levantar elementos para uma visão crítica da própria filosofia da educação que o governo vem adotando - por um fenômeno primário de mimetismo em relação aos ideólogos do mundo de barreiras ideológicas do Pentágono.

O que se quer ressaltar, aqui, é a mesquinhez dos donos da Universidade de São Paulo.

É o caso da portaria GR nº 373 de 4 de julho de 1967 do Sr. Reitor que pretende impor um regulamento disciplinar aos alunos da USP de forma a tentar mantê-los "cordeiramente" ordenados e tratados como objetos em uma prateleira...

Chega a ser mesmo ridículo... (Parágrafos da Portaria)

- IV. Apresentar-se embriagado;
- V. Praticar ato atentatório à moral ou aos bons costumes;
- VI. Praticar jogos proibidos;
- VII. Guardar, transportar ou utilizar arma ou substância entorpecente;
- VIII. Perturbar o funcionamento da administração da Universidade;
- II. Zelar pela integridade e boa conservação dos imóveis da Universidade ou por ela ocupados, bem como de todos os seus pertences;
- III. Tratar com o devido respeito os docentes da Universidade e as Autoridades do Poder Público;

O que pensam ser êsses pequenos "duces" da Universidade? Julgum acaso poder dispor de gente como dispõem da caneta com que assinam tais monstruosidades?

Comete-se mais uma arbitrariedade inaceitável contra a vida universitária. Mais um abismo se cava entre "nós" e "êles".

(Cont. EDITORIAL)

E pior que tudo é nossa insensibilidade ante tais fatos con-  
sumados.

Não podemos por a perder o pouco que de sério e conseqüente  
foi feito na nossa Universidade, às custas do trabalho apagado de fi-  
guras - capazes e responsáveis que por isso mesmo são deixadas à mar-  
gem dos focos do poder que vão decidir os nossos caminhos.

É preciso abrir os olhos. Ganhar consciência. Engrossar o  
côro dos que gritam (e não se contentam com isto). "Abaixo a Morte!"

---

#### ANIVERSÁRIO DO GRÊMIO

Nosso Grêmio está comemorando 64 anos de vida. As atividades  
tradicionais estão em pleno andamento; pinduras a restaurantes, a mes-  
tres, a cinemas e excepcionalmente temos também uma feira de livros fun-  
cionando no prédio do Biênio, e uma exposição de arte fotográfica no  
saguão do mesmo prédio.

Destaca-se ainda nesta oportunidade a participação de gru-  
pos populares, como o "Grupo Quilombo" e a "Escola de samba do Parque  
Peruche" que se exibirão no dia 30 no Biênio, juntamente com o coral  
do GTP.

No mesmo dia, à noite, sensacional pré-estréia do "O & A "  
pelo Teatro da Universidade Católica, na rua Monte Alegre, 1024 às 9  
horas.

---

#### AGRADECIMENTOS

O Grêmio Politécnico agradece à IBRAPE a doação dos dispo-  
sitivos SCR destinados à construção do aparelho de iluminação do GTP.

---

#### COLEGA:

Esse jornal é seu. Participe dêle, qualquer que seja a sua  
opinião, enviando artigos sôbre qualquer assunto; então contribuirá pa-  
ra consolidar nossa vida em comunidade.

---

#### ERRATA:

O artigo da página 5 continua na página 12  
O artigo da página 7 - A PULGA E O ELEFANTE - é de autoria do  
colega Alfredo Pinto da Conceição Neto, do 1º ano.  
Na página 10, segunda coluna, linha 2, onde se lê "... um den-  
te..." leia-se "... um chute ..."

# SITUAÇÃO DO CRUSP

Alfredo Tsukuno

No dia 2 de julho, início das férias escolares, a Universidade foi à balada por uma intervenção policial para retirar os colegas que, não tendo conseguido vaga para morar, ocuparam apartamentos que se encontravam vazios.

O choque, violento, ganhou as manchetes de todos os jornais. Num programa de televisão, o reitor M. G. Ferri foi condenado pela atitude tomada na "resolução" do problema.

## A APROVAÇÃO DO REGULAMENTO.

Na noite seguinte, ainda sob forte clima emocional criado pelos incidentes, foi apresentado pela primeira vez no Conselho Universitário, um regulamento disciplinar para os alunos da USP. Foi imediatamente aprovado, apesar dos protestos do Secretário da Educação do Estado, Prof. Ulhôa Cintra, do Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e do representante dos alunos que acabaram por se retirar da sala.

## COMO É O REGULAMENTO.

Examinando-se o regulamento, percebe-se o porquê da atitude desses professores.

Não nos cabe aqui ficar citando pontos do regulamento que permitem às "autoridades universitárias" limitar terrivelmente a nossa liberdade. Uma simples leitura nos mostra porque o diretor da Fac. de Medicina de Ribeirão Preto declarou ao se retirar da sala:

"Lá em Ribeirão Preto, mantemos diálogo com os estudantes, por isso não precisamos da violência."

## AS SUSPENSÕES.

A partir do início de agosto, o regulamento passou a ser aplicado. O colega Rafael, presidente da AURK, foi acusado por um funcionário, de pregar cartazes.

Registre-se uma conversa entre o colega e o citado funcionário:

R. - Foi o Snr. quem me acusou?  
Func. + Não. Não foi a você que eu acusei. Acusei o Rafael de Falco.

Percebe-se aí como são feitas as acusações que provocaram a suspensão de 24 colegas, dos quais, 8 da Poli.

PIXANDO A PAREDE DE 280 KM DE DISTÂNCIA.

Podemos ainda lembrar o caso do colega que foi suspenso por "participar de uma pixação" realizada no momento em que ele se encontrava em S. Manuel, a 280 km de São Paulo.

Percebe-se a arbitrariedade que preside as acusações, o que é permitido pelo regulamento, que possibilita a suspensão de alunos sem um julgamento sequer.

## A LUTA DOS CRUSPIANOS.

Êsses fatos provocaram, como não podia deixar de ser, uma indignação em todos os cruspianos. Uma anulação desse regulamento era necessária.

## AS FRENTES DE TRABALHO.

Uma organização se fazia necessária para que se fizesse uma luta consequente e bem planejada. Uma participação de todos nas discussões era obrigatória.

A fórmula encontrada foi a criação das frentes de trabalho, pequenos grupos que discutem e agem, sempre dentro da melhor democracia interna.

## A QUEIMA DOS ARQUIVOS.

Note-se que as F.T. têm funcionado bastante a contento. A luta tem se desenvolvido coerente e disciplinadamente. Uma única ação de validade discutível (a queima dos arquivos do ISSU), não foi aprovada em reunião das FT e respondeu a um impulso de momento.

## A NOVA TÁTICA DA REITORIA.

Nota-se em tudo isso, uma nova orientação da Reitoria na repressão dos movimentos estudantis. Ciente de que a violência policial não mais intimida os estudantes e que a opinião pública se manifesta contra esse tipo de intervenção, adota-se nova tática:

## A VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA.

Cria-se um dispositivo "legal" que

# a PULGA e o elefante

## CAP. I

Era uma vez um ratinho... Seu berço natal foi um lugar muito tranquilo, que as pessoas costumavam chamar de campo.

Os seus primeiros tempos de vida passaram-se na mais completa calma. Ocupava as horas de dois modos: estudo e brinquedo; com poucas coisas precisava se preocupar. Levava uma vida modesta, é verdade, mas sua paz de espírito era quase completa.

Os dias foram passando, passando, até que chegou um dia em que tudo que o ratinho poderia aprender na escola do campo, já lhe tinham ensinado. Como o bichinho era muito inteligente, e sempre se houvera bem na escola, os seus pais e todos da família julgaram que ele deveria aproveitar suas tendências para as coisas da sabedoria. Afinal de contas, no mínimo possui os dotes, porque não adaptá-los à prática? (pensavam os pais do ratinho).

Foi assim que o nosso herói mudou-se para a capital.

Veio de mala e cuia. Apesar dos dias que viriam não apresentarem um panorama muito claro (o futuro ainda era uma incógnita), isso não lhe fazia grande caso. O mais importante era o seu espírito de luta, a sua vontade de esforçar-se para ser alguém e assim poder contribuir cada vez mais para a edificação do seu universo.

Nessas alturas o nosso amiguinho já era um adulto e por isso mesmo os seres humanos deixaram de chamá-lo ratinho; agora passaram-no à categoria de "rato". Alguns amigos seus, não sei por que motivo, cognominaram "ratazanas". Não faziam essa distinção por causa do tamanho, pois todos tinham mais ou menos o mesmo porte. Talvez fôsse pela idade (eram mais velhos), ou quem sabe se por que possuíam dentes mais afiados.

No meio desta confusão toda, o nosso rato começou a sentir-se palco de alguns problemas. O primeiro deles foi o da moradia. Suas condições financeiras não eram lá muito boas. À princípio ficou hospedado na toca de uns amigos seus, mas isto não pode-

ria continuar por muito tempo. Na verdade, habitar na casa de outrossia se tornando incômodo e desagradável.

## CAP. II

### ONDE MORAR?

Logo nos primeiros dias de capital, correu entre os bichos (é como os veteranos chamam os novos colegas) a notícia de que havia no bairro em que estudavam, um local para moradia coletiva. Eram conjuntos de tocas onde cabia uma infinidade de ratos. O nome do conjunto de residências era CRUSP, que queria dizer: "conjunto dos ratos da Universidade de São Paulo". Para morar lá era preciso passar por alguns exames e esperar uns trinta dias. Em geral, os ratos do campo tinham mais possibilidades que os da capital, pois não tinham família lá. Nessa expectativa, o nosso amigo fez sua inscrição e começou a aguardar a sua chamada aos alojamentos.

Finalmente saiu a primeira lista de moradores; uns quinze dias mais e saiu a segunda. Havia inúmeros inscritos, mas poucos eram os chamados. Nessas alturas, a consciência do nosso amigo já estava ficando pesada. Não dispunha de muito dinheiro, de modo que ficar morando no conjunto lhe seria a solução. Lá gastaria muito pouco; o aposento era quase gratuito e o queijo das refeições lhe sairia por preço irrisório. Na verdade, não era nenhum queijo estrangeiro ou de qualidade especial, era pior que o do costume, por sinal; mas o suficiente para matar a fome.

Um belo dia, apareceram na sua escola alguns colegas que moravam no CRUSP e contaram as novidades:

- "Está em construção, já em fase de acabamento, um novo conjunto de tocas (G), que, desde que acelerem a obra, poderá ficar pronto em 30 dias e alojar todos os que não foram chamados até agora."

Alguns dias mais e alguns bichos, inclusive o nosso rato, foram visitar o reitor, para pedir a ele que acelerasse a obra. Depois de conversarem, a comissão de ratos saiu desolada da reitoria. O reitor havia falado que

# entrevista ...

Entrevista concedida à equipe do Poli-Campus pelo representante da Coordenadoria do Biênio Novo, Marco Antonio Almeida.

Entrevistador:- O "Nôvo Biênio" está agora como foi planejado inicialmente?

Almeida:- Para a atual etapa está quase totalmente como planejado, faltando apenas alguns tópicos finais, que não puderam ser concluídos em tempo hábil, por exemplo, a colocação de bancos, que está agora sendo ultimada pelo Fundo.

E.:- Vocês conseguiram colaboração suficiente para a "Operação" ?

A.:- Sim, tanto por parte dos colegas da Poli como também de outras escolas, como é o caso do colega Sérgio Andreoni, da FAU, que projetou e decorou a sala de música.

E.:- Com a "Operação Biênio Nôvo" houve substancial aumento das instalações oferecidas aos alunos?

A.:- Praticamente foram duplicadas. Antes havia a Sala de Música, onde apenas se podia escutar rádio e onde funcionavam ainda a Biblioteca e a Secretaria, tudo sem acomodações suficientes. Agora a Biblioteca e Secretaria têm uma nova sala, ampla, oferecendo aos que a procuram jornais e revistas. A sala de música foi totalmente reformada, decorada e equipada. No centrinho funcionava apenas a sala de jogos. Reformamos todo o centrinho: pintura, vidros, portas e vitrôs. O Centro de Debates está agora em condições de funcionar e foi aberta uma sala especial para os enxadristas da Poli. Também lá estão agora as oficinas do Depro. Foi ainda, ao lado da Sala de Música, estabelecida a Sala dos Departamentos, onde funciona uma duplicadora a álcool das "panelas" do 1º ano. Também gostaria, aproveitando a oportunidade, de informar aos colegas que estamos instalando para funcionamento a partir das 18 horas,

de uma classe de alfabetização de adultos, especialmente para os operários que estão construindo a C.U., da Campanha Paulã Souza, no Centrinho. O colega Lang (2º civil), responsável pela C.P.S. do Biênio, está cuidando disso.

E.:- Como se pensa em conservar todo esse patrimônio funcionando?

A.:- Equipes de colegas são responsáveis por cada setor e diariamente, em cada período, há um elemento presente.

E.:- Como os responsáveis pela "Operação Biênio Nôvo" estão encarecendo a receptividade de seu trabalho no meio dos colegas?

A.:- Estamos realmente entusiasmados com a receptividade do nosso trabalho e pelo apoio e compreensão dos colegas que têm procurado preservar e manter os equipamentos e a decoração das diversas dependências do Nôvo Biênio.

E.:- O que de mais importante ainda está por ser feito?

A.:- Falta ainda, dependendo do Fundo para Construção da C.U., a abertura da rua em frente ao centrinho, a equipagem da quadra ao lado da Eletricidade e a entrega de mais vinte carteiras para o Centro de Debates. Isso, porém, deverá demorar ainda mais um ou dois meses.

E.:- Há algo mais que você gostaria de acrescentar aos esclarecimentos que já nos prestou?

A.:- Sim. A reforma do Biênio é realização prática daquelas idéias que nos moveram durante o 1º ano. Tratou-se de criar condições na Escola para estabelecer o ambiente universitário, onde estudantes participam do processo evolutivo brasileiro, da afirmação de uma cultura nacional, da transformação das estruturas obsoletas do país, pa-

# O VIRA-LATA

Howard

O vira-lata percorria as ruas incôgnitas (pelo menos para ele). Ia entre as pessoas tristes ou risonhas, as quais não reparavam na sua figura preta e branca. Cheirou as paredes sujas, os esgotos gotejantes. Encostava o focinho nos cantos úmidos, numa cuspidã nojenta. Mijou despreocupadamente no poste. Passava nos fundos dos açougues, de restaurantes, bares de categorias inqualificáveis. Esperava que alguém tivesse deixado um bom bocado no lixo. Arremessou-se contra a lata, derrubando e entornando-a. Revolvia e espalhava os restos mal cheirosos com as patas despreconceituadas, diferenciando as latas vazias e cascas de batata. De vez em quando encontrava um osso fortuito ou pedaço de carne suspeita.

Com o barulho da lataria atraía o cozinheiro, que aparecia na porta de vassoura em punho, e, de súbito, puxou-se a correr na direção do cachorro mais que furioso. Enxotou o cão a vassouradas, xingando, amaldiçoando a mãe do dito cujo e de toda a raça canina. O vira-lata saía em disparada, tendo abocanhado firme o almoço do dia. A vassoura passou raspando em suas orelhas, latas iam de encontro à calçada, provocando um ruído infernal. O cão abaixava a cabeça e só corria e corria. Na esquina mais próxima fazia uma pausa ao pressentir que o homem não mais o perseguia. Via o cozinheiro voltando, gesticulando, blasfemando, lamentando a má pontaria e a perda da mocidade. Então, calmamente, se retirava das redondezas. Deitava-se na sombra de uma árvore frondosa, deixava o osso no chão, roendo-o, saboreando-o, lambendo e salivando.

Destas fugas perigosas guarda lembranças caras, como o corte profundo no lombo, causado por um fio de arame farpado e onde não mais cresceram pêlos. O rabo se empinava. Nota-se a falta de um pedacinho (o açougueiro o perseguira com um facão medonho). Mas mesmo assim continua a ser um cão marginal, sem coleira, onde cada refeição se conquista a cada fome e cada qual é uma nova aventura.

Continuava seu passeio sem rumo, vagava pelo bairro, sempre cheirando

curioso os cacos de óleo, de vinagre, as fezes. Escolheu uma rua como outra qualquer e vislumbrou um bando de cães brigando. Era um pedaço de filé. Os latidos, chocando-se nos muros, ecoavam como uma guerra esganiçada. Várias crianças assistiam afastadas do local. Mordidas e pulos e cambalhotas. Valia tudo. Alguns eram arremessados fora, mas logo se recompunham, escancaravam a boca, exibindo os dentes amarelos, e se jogavam para o interior da contenda com mais decisão. Um cão malhado conseguiu morder firme o filé, mas ao tomar impulso para a fuga, um outro pretinho obstruíra seu caminho e como ele olhava para trás, na ocasião do choque o bife voou longe, quase no meio da rua. O cão que fora simples espectador até este momento, sentiu a chance, a oportunidade de uma merenda robusta. Avançou num segundo e abocanhou a carne e acelerou. Parecia uma flecha negra com borrões brancos. Pulou cercas e muros. Os outros cães surpresos ficaram estáticos e logo que perceberam o golpe de vigarice, saíram qual avalanche ao encalce do latão. Mas ao virarem a esquina, o cão muito rápido atravessara a avenida e os seus perseguidores frearam, pois uma enxurrada de rodas girava ruidosamente, cortando a punição. Avantajou-se de alguns segundos, os quais foram suficientes para que a distância não pudesse ser recuperada, ainda mais a carrocinha avizinhava, a pedido dos motoradores e o bando canino se dispersou (isto é, os que conseguiram fugir).

Alojou-se, comodamente, atrás da capela e começou a mastigar o filé. Comeu rápido, já que o pedaço não era muito grande. Ficou com sede e tomou uns goles na fonte defronte à igreja. Iniciou de novo a marcha sem intenções. Passos cadenciados. Passou numa árvore e mijou. Viu uma cadela no fim da rua e apressou o passo.

A G U A R D E :

Caderno

com o histórico

do

GRÊMIO POLITÉCNICO

# porque arte ?

Roberto Katumi Nakaguma

Não se pode resumir a função da arte numa única fórmula. Ela satisfaz a diversas necessidades, tendo cada pessoa um motivo próprio para gostar ou fazer arte.

As funções da arte têm-se modificado sempre, pois, às iniciais foram-se retirando algumas e juntando-se outras, conforme as exigências do momento. Os motivos são vários, mas, muitas vezes não percebidos, ou por falta de alcance ou por falta de necessidade. "A poesia é indispensável. Se eu ao menos soubesse para quê..." foi o paradoxal epigrama com que Jean Cocteau captou, segundo Fischer, "ao mesmo tempo a necessidade da arte e o seu discutível papel no derradeiro mundo burguês".

E ainda, conforme Fischer, pode-se entender a arte como, essencialmente, "uma compensação para o equilíbrio deficiente da realidade". Mondrian afirma: "A arte desaparecerá na medida em que a vida adquirir mais equilíbrio." Ora, desde que o equilíbrio entre o homem e o meio que o circunda não pode ser previsto, nem para a mais desenvolvida das sociedades, conlui-se a eterna necessidade da arte.

"A arte contém um "resíduo mágico" (porque, com evidência cada vez maior, podemos dizer que ela, em sua origem, foi magia, foi um auxílio mágico à dominação de um mundo real inexplorado, que não pode ser eliminado inteiramente, de vez que sem este resíduo provindo de sua natureza original, a arte deixa de ser arte".

É verdade também que "toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as idéias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular". ("Se bem que, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação, e dentro do momento histórico particular, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento". Também a arte é "função essencial para a classe destinada a transformar o mundo, esclarecendo e incitando à ação". Assim, este é um dos aspectos de Portinari, por exemplo, com os seus "Retirantes". A brutal tragédia humana não permite que nos abandonemos à simples contemplação estética atingiu ele a mensagem social.

Está errado aquele que toma a mensagem por "revolta" ou paixão, pois, "o trabalho para um artista é um processo altamente consciente e racional, um processo ao fim do qual resulta a obra de arte como realidade dominada e não, de modo algum, um estado de inspiração embriagante. Para ser um artista, é necessário dominar, controlar, transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma. A emoção para um artista não é tudo. A paixão que consome o diletante serve ao verdadeiro artista; o artista não é possuído pela bête fera, mas doma-a". E é dentro desta idéia, que se deve aceitar os verdadeiros artistas:

(Paris, 1946) - O duque de Windsor quando visitava Portinari, observava seus quadros. Achava-os belos; mas, não satisfeito, perguntou ao artista se não teria um com flores. Portinari, magoado, respondeu: "Não. Sómente miséria."

**S E N S A C I O N A L :**

Pré-estréia de O & A de Roberto Freire pelo Teatro da Universidade Católica - TUCA

Promoção da Comissão de Festejos

não possuía as verbas para acelerar a construção. E, no entanto, os jornais ratófilos informavam que ele havia mandado derrubar um dos conjuntos algum tempo atrás, para construir uma avenida para a reitoria. Informavam, também, fazendo comentários próprios, que havia empregados e verbas sendo usados em ajardinamentos do bairro estudantil, coisas que, segundo os informantes, poderiam ser deixadas para depois, já que a moradia era mais importante. Diante da negativa, os ratos tornaram a visitar outras vezes o reitor, já que não se tinham convencido com as razões que lhe haviam dado. Os contactos nada resultaram.

Ah! Esqueci-me de explicar uma coisa: o reitor é uma pessoa que dirige todos os estabelecimentos de ensino; é como o diretor dos diretores.

Continuando a história do nosso rato, os ratos seus colegas, e também ele, ficaram indignados com a resposta do reitor. No dia seguinte fizeram uma assembléia, e, como não tinham onde morar, resolveram alogar-se por conta própria num dos conjuntos de tocas do CRUSP. Pegaram as chaves na portaria e começaram a habitar algumas tocas que estavam vazias e que eram alugadas aos ratões já formados. Ficavam uns seis para cada toca...

### CAP. III

#### A OPERAÇÃO.

Passa o tempo. Passa-tempo. Passatem po...

E o tempo passa, tempo-passa, passa...

- CRUSP, madrugada de 2/7/67 (no pensamento de um rato).

Meia noite:- Tudo calmo!

0,15 :- Tudo calmo!

0,30 :- Tudo calmo!

1,00 :- Os gatos chegaram, pessoal!

(os rojões anunciaram)

Começou a correria;

Água, garrafas...

Tiras e tiros!

- Socorro!!

Choro da Maria para o João, espantada;

- É verdade que botaram a cabeça do na privada e começaram a dar descarga?

(E a Maria levou uma cantada)

Entrementes, um gato de botas dava um dente no ventre de uma rata grávida:

- Meu filhinho!

O jornal dá cobertura:

"Invasores desalojados com relativa calma..."

- Ainda consigo subir nas botas desse gato e dou-lhe uma mordida!

Ah! desgraçado, acertou-me uma unha!

Sereias! (ambulância ou polícia?)

- Pegaram um ratão da toca F e pensaram que fôsse rato!

- Ah! palhaço, ainda lhe bato...

"O reitor não se pôs a par dos acontecimentos" (informam os jornais).

- Rato subversivo! Eu lhe arranco o couro, filha da...!

- Deixa eu pegar a minha roupa, deixa, seu gato?

- Fora daí, senão lhe tiro o que ainda tem!

E um gato chefe:

- Vamos, todos para os ônibus e os carros; depressa...

5 horas: Saem os jornais:

"Aprovado o novo regulamento: ex-reitor contra!"

"Estudantes desalojados - é preciso manter a lei e a ordem -"

"Reina calma no CRUSP..."

Operação Biênio Novo (Cont. pág. 7)

ra o desenvolvimento global da nação. Agora, resolvido o problema da acomodação material, é necessário incrementar a participação dos colegas nas atividades do Grêmio, nas discussões do Centro de Debates e nas promoções da Sala de Música.

\* \* \*

# SURREALISMO: expressão do século

Ivo Assad Ibri

Depuração espiritual, desejo de escandalizar a todo custo, esnobismo intelectual, empregando termos de Yves Duplessis, é o que sugere amiú de arte moderna, e em particular, o surrealismo.

Constituindo uma das aventuras espirituais jamais experimentada pelo homem, provocou com seu cunho revolucionário um conturbado processo dialético de aceitação como escola.

Libertar o homem das correntes de uma sociedade exageradamente utilitária, por meio de uma identificação com o absoluto, manifestações oníricas dos desejos recalçados, uma criação de imagens desconcertantes, conformações inéditas e inesperadas, que lhe conferem uma completa liberdade de pensamento e ação, motivou a revolução surrealista, na certeza de explorar um universo desconhecido, adimensional e maravilhoso que são os sonhos, a escrita automática e o inconsciente humano.

Movimento que se afirma em meados de 1916 como procura de uma nova concepção de arte, girando, na França, em torno de nomes como André Breton, Max Jacob, Apollinaire e Louis Aragon, logo procura destruir velhos preconceitos ocidentais em torno da confusão entre arte e esteticismo.

Imagens de grande beleza poética resultantes de vários mergulhos nos abismos misteriosos do inconsciente, exprimem-se de maneira mais rápida que em pintura, uma vez que a poesia, como forma de expressão, é mais desprendida da matéria, o que proporciona o flagrante do espírito "abandonado a si mesmo".

Destituir os objetos de seu significado real, seu sentido utilitário, conferir-lhes motivações fantasmagóricas, de extrema poesia, levá-los ao plano maravilhoso do supra-real, é a técnica expressionista dos surrealistas.

Para Gérard de Nerval, como precursor do surrealismo, o sonho "permite a penetração em si mesmo e consequente acesso ao supremo conhecimento; não há, porém, maneira de descobrir os encantos disto, sem antes a

bismar-se até o mais profundo dos infernos".

A criação de uma nova estética nos é sugerida por Max Ernst em uma de suas arquiteturas: o encontro, em uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura e um guarda-chuva.

Em uma realidade já concluída, na qual cada objeto se configura em seu estreito destino utilitário, estabelece-se um encontro cujo absurdo lógico passa de um falso absoluto, para um novo, verdadeiro e poético.

Assim, interferem-se sem cessar supra-realidade e realidade, e cabe ao surrealismo mostrar a unidade de dois mundos aparentemente opostos.

O surrealismo procura desenvolver a personalidade humana por meio da tomada de consciência dos desejos recalçados. "O perigo da análise de si mesmo, segundo Duplessis, é o de se perder nela, de não saber sintetizar os dados em uma noção mais rica."

Além de escola artística completa - se social, política e moralmente como corrente filosófica: "a reabilitação da aspiração fundamental da humanidade não deve permanecer um ponto de vista do espírito; exige uma reforma da Sociedade, permitindo-lhe ser autêntica, sem se abaixar às hipocrisias de uma estreita moral."

"A libertação do homem é a primeira condição da libertação do espírito, o que só pode ser atingido pela evolução proletária", o que traduz uma tendência sócio-política profundamente marxista, posição oficialmente declarada em 1929 em "Le Second Manifeste du Surréalisme", e prosseguem: - "pois vivemos em conflito aberto com o mundo imediato que nos cerca, mundo ultra-sofístico, mundo que, interrogado sob qualquer aspecto, manifesta-se sem alibi ante o pensamento livre... A sujeira do dinheiro recobriu tudo. É preciso com todos os privilégios capitalistas que maltratam o indivíduo e o oprimem desde sua infância."

O movimento surrealista está, portanto, longe de ser uma contempla -

ção ou uma fuga do real, como tendeu a se transformar. Tornou-se uma doutrina complexa cujos fundadores se ressentiram vivamente da instabilidade da condição humana.

Acusar de obscuridade artistas cujos

espíritos penetraram os diversos aspectos da realidade exterior e interior, é atitude crítica de quem não a tem mínima para um reconhecimento da própria esterilidade espiritual, com a qual diminuiu a realidade a ponto de não mais se emocionar ante a sensação que suscita a percepção do Infinito.

\* \* \* \* \*

A situação no CRUSP. (Cont. pg. 5)

possibilita a punição a qualquer instante, atingindo alguns bodes espiatórios, criando assim uma intimidação psicológica. A opinião pública, satisfeita com a aparência legal, não se manifesta.

NÓS JÁ FOMOS ATINGIDOS.

Além do fato de que 8 dos colegas suspensos são politécnicos, deve-se ressaltar o seguinte:

Nenhum de nós se nega o direito que temos de protestar contra defeitos que hajam na Escola. É a melhor maneira de aprimorarmos o ensino. Pois bem. O novo regulamento pode nos impedir de tomarmos tal atitude. Podem acusar-nos de "perturbar o funcionamento da administração da Universidade", ou então de "não cumprir ordens emanadas das autoridades universitárias".

rias".

QUÊ FAZER?

Tal estado de coisas não pode continuar. Esse regulamento é arbitrário e totalitário. Temos muitos professores ao nosso lado (grande parte se recusou a assinar manifesto de apoio ao Reitor). Aceitar esse Regulamento é aceitar uma total submissão ao Reitor e à sua política.

Devemos nos manifestar e lutar para que êle seja revogado.

\* \* \*

---

O Grêmio Politécnico comemora este mês 64 anos de existência. São 64 anos de tradição e lutas!

Participe dos festejos comemorativos organizados pela Comissão de Festejos.

Acompanhem diariamente as programações através dos cartazes em todos os prédios.

---

A equipe do Poli-Campus realizará brevemente entrevista com grande número de colegas. Visa-se levantar dados sobre os problemas dos alunos e da Escola nos seus aspectos profissionais e de ensino.

A Equipe espera que todos os colegas sorteados se empenhem respondendo às entrevistas; estarão assim prestando um grande benefício a si e a toda a comunidade politécnica.

---

# liberdade segundo SARTRE

Vernili

A idéia de que não existem leis nem caminhos traçados que regule a vida de cada homem, desnudando-o profundamente para submetê-lo a uma responsabilidade completamente autêntica, é uma das características marcantes de quase todos os escritores deste século. Talvez os dias de Guerra tenham acentuado o sentimento do injustificável, do sem-razão-de-ser que cada homem debruçado sobre si mesmo e vendo o Mundo esvair-se, contemplava. E a todos esses escritos sedentos de justificação, o mais sucinto, o mais rico em realizações quer filosóficas ou políticas, é Jean-Paul Sartre, que se inaugura como escritor fértil em 1938 com "La Nausée", diário de um intelectual que vê dissolver-se a significação de todas as coisas para dar lugar a uma liberdade de escolha completamente arbitrária.

A afirmação de que o homem é fundamentalmente livre precisa de melhor explicação. A liberdade de que nos fala Sartre, é aquela necessidade que temos de escolher a cada instante, para o Mundo, um sentido; não é ela uma qualidade que se acrescenta às qualidades do homem, mas aquilo que o estrutura como homem, porque é através dela, e unicamente, que ele se distingue das coisas. Portanto, ser e escolher se confundem e a idéia de que existe uma natureza humana imutável e prefixada, se dissipa para dar lugar a um novo homem; é este renovar-se, é este inventar-se a cada instante, torna-o nada mais além do que a soma dos seus atos, concretiza-o por aquilo que realiza e pela totalidade de suas ações. Mas a liberdade de que falamos está longe de ser um "ato voluntário", pelo qual posso fazer o que quizer. A liberdade sartreana só é necessidade de escolha dentro daquilo que ele chama de "situação", e após o reconhecimento dessa "situação". Entende-se por "situação" o conjunto de fatores inerentes ao homem como a sua classe social, a sua hereditariedade, etc. Assim, um pobre não é livre de fazer dinheiro, simplesmente

porque o ato voluntário implique numa liberdade, mas reconhecida sua pobreza, é livre em aceitá-la ou não, em enriquecer-se ou não. A liberdade, pois, só se efetiva através de uma situação consciente.

Estando, pois, o homem condenado a dar um sentido para o Mundo e para os seus atos, os valores preestabelecidos não têm razão de ser, o bem e o mal se tornam mutáveis e só se constituem realidade dentro de uma particular situação. Não há lugar aqui para a "Moral", mas para várias "morais" e como consequência direta, perdem a razão de ser todas as instituições que pretendem através de dogmas, estabelecer um Bem absoluto e definido, ou um Mal. A moralidade sartreana é uma escolha e não uma obediência e o valor de um ato acaba por confundir-se com o sentido que eu lhe empresto. E não é outra senão a de resguardar a responsabilidade de escolha de uma moral a cada instante que Deus se justifica como existente, quer concreto, quer abstrato, já que sob sua custódia são dogmatizados preceitos morais aos quais o homem deve necessariamente escolher, sem recusa.

Entretanto, se por um lado o homem é livre ao escolher sua moral, por outro ele é responsável pela escolha que fizer. Eis porque a vida não é simplesmente função de uma vontade e liberdade, mas sobretudo de uma "situação" dentro da qual se encontra presa, congelada com ela e, portanto, impelida a interessar-se pelos fatos que a compõem, a responsabilizar-se por eles. Se por um lado é bela a responsabilidade, por outro é angustiante sempre considerar-se responsável e as fugas a essa responsabilidade, a esse existir autenticamente, Sartre nos descreve em seus romances e peças teatrais, como em "Baudelaire", que não podendo, esse personagem justificar-se como ser existente, faz-se objeto de escândalo para os outros construindo assim uma personalidade que o justifica como alguém para si e os demais.

Muito embora a literatura sartreana seja demasiadamente difundida, só após um pequeno exame de sua doutrina é que ela se nos apresenta mais

significativa. Talvez despertar o interesse pelo Sartre-teórico foi a pretensão destas linhas.

\* \* \* \*

## ... poética

### O ÂNGELUS

Ao longe doce som  
De sinos a dobrar  
Perto o ruído das engrenagens  
Que se calam,  
De máquinas que param  
Como se o próprio tempo  
Ouvindo o mudo apêlo  
Da natureza, parasse,  
E de breves instantes  
Tornasse séculos  
De calma,  
Entre a tempestade das máquinas  
É a ciência  
Parando para dar lugar  
À paz, sossêgo, amor.

Márcio Lucato

### LEMBRANÇA

A filha do pescador  
também vivia a pescar.  
A isca - um dar-se de flor,  
na areia, em vez de no mar.  
  
Nos olhos verde-azulados  
o mesmo aceno das águas.  
O sol salgado das praias  
mornando sob as anáguas...  
  
(ardida calíça nos lábios,  
o ouvido - concha (não mais)  
rôto o andar em distâncias,  
êrmos mormaços no olhar.  
  
Às vêzes, furando nuvens,  
súbita  
a alva lembrança  
acende o quadro ao luar):  
  
A filha do pescador,  
também vivia a pescar...

Lineu Ayres

PROCISSÃO

Noite escura  
Noite clara

Uma vela  
Vestida de negro

Duas velas  
Paralelas

Uma vela  
Que se apaga.

A criança  
Leva um tombo

Mas as mãos  
Pedem silêncio.

Duas batinas  
Que se encontram

Um cachorro  
Ergue a perna

Muita luz  
Que se acende

Muitos lábios  
Muitos lábios

Murmuram  
Um Latim que não existe

Cristo enfastiado

Vira o rosto  
E adormece.

nosso amor é

Amor

feito pó  
pó sem eira (nem beira)  
sem eira de poeira  
poeira atômica

Amor

mas tem muito de  
foguetório  
acende cá  
lá  
e quando cala  
(cala no fundo)  
tomo-os entre dedos  
é pó que vejo  
pó de amor

Amor

semeeira quebrada  
esparramando ao sol  
do dia que se torna  
poente  
ente de gente  
e pó que ainda queima

Amor

Jocelyn

ivo assad ibri

## O ARLEQUIM

Revivando  
As profundezas do espírito  
Juntou  
Trapos de profundas côres  
E fez uma fantasia  
Que vestiu.  
Riu-se daquele que fôra.  
Foi por aí  
Confiar nos homens,  
Viver com êles  
A festa da vida,  
E lhes deu o coração.  
Virou poesia.  
De Jorge Amado  
Virou personagem  
Cabo Martim  
Curió  
Mundinho  
Vadinho.  
Foi p'ra praia.  
Com os pescadores  
Do mar de Iemanjá  
P'ra Caimy  
Cantar.  
E foi vivendo  
Nas noites  
Nos copos  
Com os amigos  
A rir, a cantar  
P'ra variar.

Com o coração  
Repartindo  
Aqui e ali  
Alegrias e tristezas  
Foi vivendo.  
Como o vento  
Viajava  
Vendo tudo.  
Cuspiu no patrão  
Do miserável, de Portinari  
Que chorava lágrimas  
Feitas de terra sêca  
E assim foi  
Amando homens  
E mulheres  
Até que  
Num carnaval  
Morreu na folia.  
Sua alma, dizem  
Até hoje vive  
Rindo alto  
Dos homens que perderam  
O coração.

medina

## TRAVESSIA

O Vale do Anhangabaú  
encheu a bôca formiguenta  
e luminosidade anunciante  
onde a tarde paulista  
se anoitece líquida.

Na esquina  
o homem se interroga ausente.

No burburinho chuvoso  
os propulsores da roda que os esmaga  
postados aos mil

gestos

caras

retornantes

cirandam a mesma espera.

O homem se questiona  
e equaciona  
um mundo a partir de si ampliado  
( egoísmo central  
- não verá que da fusão  
dos mundos de tantos rostos  
o mundo se faz então.)

Rodas desenrolam  
lentas  
fluídas lagartas no asfalto.

Há um sorrisal aceso  
no céu  
imitando a lua.  
O homem (unipensante)  
avança o passo  
e atravessa a rua.

lineu ayres



## PROFISSÃO DE FÉ

Mil vivas para o Little Richard!

Mil vivas para os Beatles!

Eu não troco mil arquitetos por um só Chico Buarque de Holanda.

Eu não troco um milhão de politécnicos por um só Manuel Bandeira.

Mil vivas para o Corinthians!

Eu não quero a mão do político,

Eu quero a lágrima do flagelado,

Eu quero a amizade dos humildes, dos idealistas e dos tristes.

À merda!

À merda todos os fanáticos,

À merda todos os simpáticos de véspera de eleição,

À merda os opiniáticos

Os que são sem saber que são.

Mil vivas ao Ciro Monteiro!

Sambista de corpo inteiro,

À Maria Betânia que é um anjo

E faz o diabo com o samba.

À merda os tais anarquistas!

À merda os militaristas!

E todos êsses alegres,

Que pensam ser comunistas!

AMOR

LIBERDADE

DEMOCRACIA

TRABALHO

INSTRUÇÃO

JUSTIÇA

COMIDA

CORAGEM

RESPEITO

sabino vieira de Freitas neto